

## **O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO REMOTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

Lina Rayane Gomes Barbosa <sup>1</sup>  
Elisabete Carlos do Vale <sup>2</sup>  
Paula Almeida de Castro <sup>3</sup>

### **INTRODUÇÃO**

O objetivo deste trabalho é relatar a experiência vivenciada no Programa Residência Pedagógica (CAPES), no subprojeto de Pedagogia/Alfabetização da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus I (Campina Grande – PB). Este programa possibilita a aproximação entre a Universidade e a escola de educação, promovendo a formação teórica e prática dos licenciandos, que dessa forma conseguem vivenciar mais intimamente a realidade da profissão, e a partir disso, tornar-se um bom profissional.

A experiência aqui relatada foi realizada em uma escola municipal de Campina Grande – PB, em uma turma de primeiro ano do ensino fundamental das séries iniciais, ocorrida em contexto remoto, devido à pandemia do novo Corona Vírus SARS-COV-2. Diante de tal contexto, a atuação docente passou a ser adaptada para a modalidade do ensino remoto, e dessa forma, também a atuação das residentes na escola que, acompanhadas, pela professora preceptora e orientadas pela docente orientadora, puderam aperfeiçoar suas práticas, contribuindo assim para o processo de alfabetização dessas crianças.

### **METODOLOGIA**

O início das atividades do Programa Residência Pedagógica ocorreu em outubro de 2020, em uma escola municipal de Campina Grande- PB, com uma turma de primeiro ano do ensino fundamental, séries iniciais, com uma aluna em processo de alfabetização.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [linarayanegomes@gmail.com](mailto:linarayanegomes@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Centro de Educação, Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [elisabete.vale@servidor.uepb.edu.br](mailto:elisabete.vale@servidor.uepb.edu.br)

<sup>3</sup> Professora do Centro de Educação, Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [paulacastro@servidor.uepb.edu.br](mailto:paulacastro@servidor.uepb.edu.br)

No início do Programa, as alunas residentes, foram apresentadas à preceptora (professora da escola-campo). Em seguida, ela apresentou sua turma, formada por 16 alunos, na qual iríamos realizar as ações previstas no subprojeto. Coletivamente optou-se por atribuir a cada residente a responsabilidade por fazer a intervenção com um/uma aluno/aluna por meio de chamadas de vídeo do aplicativo Whatsapp. A escolha das crianças foi feita pela preceptora através de um sorteio.

As intervenções pedagógicas e as regências realizadas pelas residentes foram sempre acompanhadas pela preceptora (professora da escola-campo) e pela docente orientadora (vinculada à UEPB). Para organizarmos as ações a serem desenvolvidas tivemos encontros semanais de formação teórica, por meio da plataforma do Google (Meet), organizadas pelo subprojeto e realizadas na IES e encontros de planejamento com a professora preceptora (também pelo Google Meet) para a realização das atividades de regência escolar. As atividades de regência consistem no acompanhamento de cada residente com um aluno da escola-campo, da turma da preceptora. Essa atuação com os alunos se dava semanalmente e de forma remota por meio de chamadas de vídeo via WhatsApp, combinadas com os pais ou responsáveis, de acordo com a disponibilidade de cada um, nas quais foram realizadas atividades planejadas pelas residentes e orientadas pela preceptora.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Dominar a leitura e a escrita é fundamental para o pleno desenvolvimento da cidadania, considerando a sociedade letrada na qual estamos inseridos. É através da alfabetização que o aluno passa a ser inserido na cultura letrada e na sociedade. Dessa forma, a alfabetização é a base do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o papel do professor alfabetizador é indispensável para o processo de construção do conhecimento.

Para Cagliari (1998, p. 113), “a alfabetização realiza-se quando o aprendiz descobre como o sistema de escrita funciona, isto é, quando aprende a ler, a decifrar a escrita”. Desse modo, é de extrema relevância que haja uma boa formação de professores alfabetizadores, pois esses profissionais irão desenvolver a sua prática nesse processo de escolarização, onde os alunos ainda não dominam as habilidades de leitura e escrita.

Nesse sentido, Soares (2004) enfatiza que é necessária ao professor, sensibilidade para identificar e compreender as dificuldades de aprendizagem dos alunos. A partir disso, o ato de alfabetizar passa a ter uma nova dimensão, que é o letramento, definido por Soares (1999), como resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita. Assim, a alfabetização na perspectiva do letramento baseia-se na realização de atividades que considerem os usos sociais da língua escrita.

O professor como mediador da aprendizagem deve utilizar todos os recursos possíveis para que o aluno esteja em contato com materiais escritos e visuais. Também levar em consideração tudo o que o aluno sabe e o que ele ainda precisa aprender, para realização de bons planos de aula no processo de alfabetização. Assim como aponta Ana Teberosky (2003), os educadores como guias desse processo, devem levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos, garantindo um trabalho contínuo para o processo de aprendizagem.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Após as intervenções das residentes, mesmo sem o ensino e as interações presenciais, foi possível perceber nesses alunos um grande avanço nos níveis de aprendizado da leitura e da escrita. Destaca-se aqui, a evolução da aluna Maria, que no início das intervenções encontrava-se no nível de escrita silábico com valor sonoro e após as mediações e acompanhamentos progrediu para o nível de escrita alfabético.

Nesse processo, para que sejam desenvolvidas boas intervenções pedagógicas, o professor precisa obter conhecimentos sobre os níveis de leitura e escrita que os alunos apresentam. Coutinho (2005), explica cada um dos níveis de escrita, ressaltando que no nível pré-silábico, [...] “as crianças possuem hipóteses bastante elementares sobre a escrita. Em uma etapa inicial, os alunos consideram que escrever é a mesma coisa de desenhar.” Nesse nível eles ainda não perceberam a relação entre a fala e a escrita. Já sobre o nível silábico, a autora aponta que os alunos começam a entender a relação da escrita com a pauta sonora das palavras. Ao passo que escreve uma letra para cada sílaba, passam por alguns conflitos e criam novas hipóteses, como por exemplo, perceber que existe uma quantidade mínima de letras para escrever. No nível silábico-alfabético, a autora explica:

Nesse nível os alunos já têm suas hipóteses muito próximas da escrita alfabética, uma vez que eles já conseguem fazer a relação entre grafemas e fonemas na maioria das palavras que escrevem, embora ainda oscilem entre grafar as unidades menores que a sílaba. (COUTINHO, 2005. p. 60).

No nível alfabético, o aluno começa a compreender que a escrita corresponde a pauta sonora, fazendo a escrita das palavras da mesma forma da pronúncia.

Quando dizemos que um aluno está no nível alfabético, estamos dizendo que ele já é capaz de fazer todas as relações entre grafemas e fonemas, embora ainda possua problemas de transcrição de fala e cometa erros ortográficos. Por exemplo, em nossa região é muito comum encontrarmos crianças que escrevem a palavra menino da forma: mininu. Os alunos que cometem esses “erros” estão colocando em prática os conhecimentos que possuem sobre a escrita, embora esta precise de correção ortográfica (COUTINHO, 2005. p.61).

É importante salientar que para uma evolução nos níveis de escrita dos alunos, é necessário que sejam realizadas atividades desafiadoras, que coloquem em jogo tudo o que já sabem, para que possam criar novas hipóteses, nesse sentido o professor deve planejar as atividades, de acordo com a heterogeneidade dos alunos, levando atividades diferenciadas para os alunos com hipóteses de escrita diferentes. Também é indispensável que os alunos estejam sempre em contato com diferentes tipos de texto, para aprimoramento da leitura e escrita.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de alfabetização e letramento é bem discutido nos dias atuais. Refere-se ao processo de aquisição da leitura e escrita bem como a utilização do alfabeto como código de comunicação. É preciso que se tenha muita calma com a criança nesse processo, uma vez que a escrita difere-se da fala e a criança deve obter os conhecimentos necessários para conseguir se comunicar por meio dela.

Ao iniciarmos como bolsistas da Residência Pedagógica, no subprojeto de Pedagogia/Alfabetização, tínhamos a expectativa de que pudéssemos vivenciar essa experiência de forma presencial, em interação e contato direto com os alunos, no ambiente escolar. No entanto, nosso atual contexto trouxe-nos o desafio de viver essa experiência de forma remota, nos adaptando a essa nova forma de ensino e criando novas estratégias de atuação docente. Mesmo diante de alguns obstáculos, tivemos a oportunidade de contribuir com o aprendizado dessas crianças, acompanhá-las e vê-las evoluir no processo

de aquisição da leitura e escrita, aperfeiçoando nossa prática e enriquecendo nossos conhecimentos no decorrer da nossa formação.

Apesar do atual contexto e da forma remota de atuação, percebemos muitas contribuições do Programa Residência Pedagógica, tanto para nossa formação como graduandas de pedagogia, como também para o trabalho docente da professora preceptora. Também podemos constatar uma grande contribuição para os alunos que estão em processo de alfabetização no contexto remoto. Há que se considerar que a organização das ações do subprojeto de Pedagogia/Alfabetização, no modo remoto, foram um desafio adicional na formação profissional ao que, tradicionalmente, é considerado um obstáculo no processo de escolarização.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Residência Pedagógica, Contexto remoto.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero aqui expressar meus agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por ter me dado a oportunidade de participar do Programa Residência Pedagógica, contribuindo de maneira significativa para meu processo de formação.

## **REFERÊNCIAS**

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização se ba- be- bi- bo- bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

COUTINHO, Marília de Lucena. **Psicogênese da língua escrita: O que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores**. In MORAIS, Artur Gomes de; et al. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.47-69.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento, Caminhos e Descaminhos**. Revista Pátio, ano VIII, n. 29, p. 20, fev/abr. 2004a.

TEBEROSKY, Ana. **Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: 2003.